

A PRÁTICA EM BOURDIEU

Theory of Practice of Bourdieu

Celma Freitas ¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura do capítulo “Esboço de uma teoria da prática²”, de Pierre Bourdieu. De início, aborda-se a questão do valor da conotação da sua linguagem científica. Coloca-se a praxiologia de Bourdieu como uma dialética entre o objetivismo e a fenomenologia, modos de conhecimento do mundo social. Demonstra-se a complexa conceituação de *habitus*, chegando-se à noção de prática. A categoria “prática” ou “práticas” é o sustentáculo de outros conceitos do pensador, porque através das práticas observáveis e observadas empiricamente pode-se apreender todo o jogo simbólico e de poder, seja individual, seja intra ou intergrupos e classes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: PRAXIOLOGIA; *HABITUS*; PRÁTICA.

ABSTRACT

This article presents a reading of the text "Outline of a Theory of Practice" of Pierre Bourdieu. Initially, we broach the question of the value of its connotation of scientific language. Place the praxeology of Bourdieu as a dialectic between objectivism and phenomenology, ways of knowing the social world. Describes the concept of *habitus* until the notion of practice. The category "practice" is the support of other concepts of the thinker, because through the empirically observed practice can comprehend all the symbolic power relation, individual, within or between groups and social classes.

KEYWORDS: PRAXIOLOGY; *HABITUS*; PRACTICE.

¹ Doutora em Direito Privado pela Universidad del Museo Social Argentino, Argentina. Professora da Faculdade de Inhumas (FacMais).

² BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

* Texto produzido como requisito de avaliação discente da disciplina Educação e Cultura, no curso de Mestrado em Educação, 2008.

Introdução

Para a construção do “Esboço de uma teoria da prática”, Pierre Bourdieu, retendo certos aspectos do objetivismo, integra outros modos de conhecimento e cria o método praxiológico, para fazer a leitura da complexidade do mundo social, usando como ferramenta científica a “prática” ou as “práticas” das ações humanas. Sua reflexão central baseia-se no conceito de *habitus*, elemento gerador de práticas, tendo como ponto de partida a dicotomia agente social (indivíduo) e sociedade (estruturas estruturadas e estruturas estruturantes), numa *relação dialética entre interioridade e exterioridade*. Recuperando e retrabalhando o conceito de *habitus* de Aristóteles, Bourdieu constrói a Sociologia Crítica e Reflexiva, inovando na conceitualização de vários estatutos epistemológicos, como “condições sociais”, “campo”, “violência simbólica”, “capital” (econômico, cultural, social e simbólico), etc., apreensíveis de modo relacional e de acordo com o lugar do agente em situações singulares e singularizantes.

Para elaborar o conceito de *habitus*, o pensador francês parte de várias configurações da “prática” ou das “práticas” – *habitus* como gerador de estratégias; princípio de encadeamento das ações; percepção e apreciação de experiência posterior; produto de diferentes modos de engendramento; sistema de disposições duráveis e transponíveis; produto da história; homogeneidade relativa; *lexinsita*; mediação universalizante; inculcação e apropriação. Assim, partindo da filosofia, desenvolvendo uma linguagem altamente conotativa, e propondo uma reflexão que vai do *opus operatum* para o *modus operandi* (que representa a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade, numa relação dialética que busca evidenciar a passagem do produto para o princípio de produção da prática), Bourdieu propõe uma universalização da abordagem social por meio de um código comum que seriam as ações e atividades humanas (práticas), empírica e experimentalmente observáveis, e produzidas pelos agentes em seus diversos lugares e situações sociais.

O Valor da Conotação na Teoria Científica Bourdieusiana

Bourdieu, embora ovacionado em quase todo o mundo ocidental como um dos mais vigorosos pensadores na área das ciências sociais, encontra também opositores, devido principalmente à dificuldade de compreensão (leitura e interpretação) percebida em suas produções científicas, situação da qual ele mesmo se ressentia, conforme atestam alguns de seus leitores, como Telmo Humberto Lapa Caria, que diz: “Sabemos do desagrado de Bourdieu por não ser devidamente lido e compreendido. Várias são as polêmicas sobre qual a leitura “certa” para a sua obra”³.

Em busca da linguagem autorizada no campo da sociologia, Bourdieu cunhou conceitos próprios, retrabalhando termos comuns da antropologia, da sociologia e da filosofia (e mesmo de outras áreas, como a linguística), em constante passagem da denotação para a conotação. Ou seja, o discurso sociológico de Bourdieu é altamente conotado. E, mais, trata-se de uma reconotação, dado que, no seu arcabouço conceitual, ele executa uma transfiguração, uma reconstituição simbólico-semântica de termos já anteriormente conotados por outras esferas do pensamento epistemológico-científico.

Ao expor como se constrói a linguagem filosófica (tomando Heidegger como exemplo), Bourdieu anuncia indiretamente como ele mesmo erigiu uma linguagem de expressiva conotação, desenvolvida em seus estudos, cujo alcance real de compreensão está adstrito ao campo limitado dos seus pares, isto é, aos sociólogos iniciados em textos de Bourdieu. Portanto trata-se de uma linguagem eminentemente científica, porém hermética e restrita aos estudiosos bourdieusianos – uma neolinguagem do campo sociológico.

Conforme Bachelard:

A linguagem científica é, por princípio, uma neolinguagem. Para ser ouvido na comunidade científica, é preciso falar de modo científico, traduzindo os termos da linguagem comum em linguagem científica. Se prestássemos atenção a essa atividade de tradução frequentemente camuflada, perceberíamos que há desse modo na linguagem da ciência grande número de termos entre aspas [...]. O termo entre aspas

³ Ensaio: *O conceito de prática em Bourdieu e a pesquisa em educação*. Telmo Humberto Lapa Caria é professor no Departamento de Economia e Sociologia da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, sendo também pesquisador no Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. E-mail: tcaria@utad.pt

eleva o tom. Ele assume, acima da linguagem vulgar, o tom científico. (Bachelard, *Le Matérialisme Rationnel*, p. 216-217, *apud* Ternes⁴, s/d, p. 15).

Para Bachelard, as aspas usadas na linguagem científica salientam que houve uma redefinição de palavras da língua comum ou da linguagem científica anterior, configurando-se novos traços semântico-conotativos. Já Bourdieu assinala alguns dos neologismos que emprega em seus textos com formas latinas colocadas em letra itálica.

Na continuidade da sua exposição, ele passa a demonstrar como é constituída a língua especial da filosofia, que representa uma ruptura simulada (produzida pelo próprio filósofo) entre a linguagem comum e a linguagem filosófica. Esse processo requer a *denegação* do sentido primeiro, ou seja, do sentido vulgar, do senso comum, meramente denotativo, de que se revestem as palavras. *Denegar* não significa exatamente negar, porque alguns semas (sentidos e significados) primeiros continuam subjacentes às palavras renovadas, transfiguradas, que ganham vida conceitual própria nas áreas específicas de cada ciência.

Para Bourdieu, um discurso, na sua essência, é formado por palavras “cardeais” – “aquelas que orientam e organizam o pensamento em profundidade” (1996, p. 143). Em busca dessas palavras, estabelece-se, no discurso filosófico (e também em outros discursos), a diferenciação entre o ontológico (filosófico) e o ôntico (antropológico). Estendendo-se o raio semântico de “ontológico” e de “ôntico”, chega-se à distinção entre o sentido vulgar e comum (portanto denotativo) do segundo termo, contra o sentido renovado, transfigurado (portanto conotativo) do primeiro (ontológico).

Pode-se considerar que Bourdieu, ao construir uma nova ciência sociológica, hauriu, na sua formação acadêmica em filosofia, a habilidade de proceder a jogos de palavras, com o intuito de extrair destas o máximo de significação original, mas extrapolando os seus sentidos primeiros, para compor a maturidade de seu pensamento científico pela exploração dos recursos linguísticos formais – o que se depreende pela multiplicidade de termos da mesma raiz etimológica, como *estrutura, estruturado, estruturante, reestruturante; classe, classificado, classificante; classificam, desclassificam e*

⁴ Professor da Universidade Católica de Goiás (UCG), Brasil.

reclassificam; interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade; objetivo e objetivante; etc.

O trabalho linguístico-formal empreendido por Bourdieu em seu construto teórico sobre o campo da sociologia, com o fim de lhe imprimir maior cientificidade, renovando as linhas sociológicas anteriores, confere-lhe tanto riqueza epistemológica quanto o hermetismo de suas produções, muitas vezes incompreensíveis (ou de compreensão equivocada), seja a leigos, seja a alguns de seus estudiosos.

Praxiologia: Uma Dialética Entre Objetivismo e Fenomenologia?

Segundo Bourdieu, o mundo social pode ser conhecido teoricamente sob três modos: pelo *conhecimento fenomenológico*, pelo *conhecimento objetivista* e pelo *conhecimento praxiológico*. Sua análise epistemológica parte de uma releitura dos critérios do objetivismo e da fenomenologia para a elaboração do seu próprio método de análise da sociedade – a praxiologia.

Sua crítica central ao modo fenomenológico recai sobre a limitação desse método, que se baseia na “experiência primeira do mundo social” (meio familiar, apreensão do mundo natural e evidente, conhecimento prático e tácito), “e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade” (Bourdieu, 1994, p. 46). Já no objetivismo (particularmente na hermenêutica estruturalista), o pensador francês rejeita o fato de que esse método não considera a experiência dóxica, realizando uma ruptura com o conhecimento primeiro (fenomenológico e subjetivista), ao construir as relações objetivas “que estruturam as práticas e as representações das práticas” (Bourdieu, 1994, p. 46).

Por sua vez, o conhecimento praxiológico proposto por Bourdieu busca uma relação dialética entre os dois primeiros modos de conhecimento, na construção da “teoria da prática ou modos de engendramento das práticas” (1994, p. 60). Para ele, “o conhecimento praxiológico não anula as aquisições do conhecimento objetivista, mas conserva-as e as ultrapassa, integrando o que esse conhecimento teve que excluir para obtê-las” (Bourdieu, 1994, p. 48) - em outras palavras, o que o objetivismo exclui são os conhecimentos

primeiros do mundo social, antevisto pelo modo de conhecimento fenomenológico. Na teoria bourdieusiana, o método praxiológico é:

O conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer um questionamento das questões de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador, situando-se no próprio movimento de sua efetivação (Bourdieu, 1994, p. 47).

Assim é que Bourdieu lança a praxiologia como um método (um modo de conhecimento teórico do mundo social), erguido sobre o conceito de prática, que ele coloca como o fundamento fundante do *habitus* – conceito central de sua teoria sociológica –, com a intenção de que a praxiologia forneça explicações mais amplas e profundas, e portanto mais científicas, sobre os complexos processos sociais. Em última instância, na teoria bourdieusiana, a praxiologia significa passagem da mera análise do *opus operatum* (produto) ao mergulho perscrutativo no *modus operandi* (processo), da regularidade estatística (ou da estrutura algébrica) ao princípio de produção da ordem observada (Bourdieu, 1994, p. 60).

O Conceito de *Habitus*

Em todo o universo teórico erigido por Bourdieu, destaca-se o conceito de *habitus*, que ele recuperou, retrabalhando-o, da teoria aristotélico-tomista, com o fim de demonstrar a mola propulsora que leva os agentes sociais a agirem dentro dos diversos campos que constituem a esfera social.

“Hábito” (do lat. *habitu*), como substantivo masculino abstrato, significa, denotativamente, pelo Dicionário Aurélio:

Disposição duradoura adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume: *Só a educação pode criar os bons hábitos. 2.*

Maneira usual de ser: *Mulher pedir em casamento é contra os hábitos sociais* [...].6. Fig. Aparência exterior: “O hábito não faz monge” (prov.).

Do sentido primeiro, geral e de senso comum, Bourdieu, passando pela releitura filosófica do termo, constrói talvez o principal conceito teórico de sua doutrina sociológica – *habitus*.

Bourdieu define *habitus* como:

Habitus, sistemas de *disposições* duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu, 1994, p. 60-61).

Com isso, Bourdieu aponta o potencial gerador do *habitus*, como elemento invisível, sub-reptício, tácito, mas constituído de dinamicidade e elasticidade inerentes, a ponto de engendrar as práticas de modo latente e imperceptível – a não ser pela evidência das estratégias na produção e reprodução das estruturas objetivas, pois são as estratégias que dão materialidade às práticas como produto.

Assim, o *habitus* encadeia ações, objetivamente organizadas e com probabilidade de ocorrência compatível ao contexto, porém sujeitas a permanentes modificações e renovações nas condições materiais de experiência. Portanto o *habitus* é um sistema de disposições abertas diante de experiências novas, sendo ao mesmo tempo afetado por elas.

O *habitus*, como estrutura estruturante e estruturadora das práticas, se vale da percepção e da apreciação das experiências primeiras, num dialético processo de sanções negativas e aprovações, no meio e nas relações de família, grupos e classes sociais.

Com diferentes modos de engendramento, diante das dicotômicas estruturas da realidade (traduzidas pelos jogos de interesses entre as classes e grupos sociais), o *habitus* não é uma reação mecânica, mas um produto de condicionamentos, introduzindo nestes uma ação transformadora, por ser ele um sistema de disposições duráveis e transponíveis de uma relação de

experiência passada a uma matriz de percepções, de apreciações e ações, com fim estruturante, reestruturante e reestruturador.

O *habitus* é historicamente construído ao longo do tempo no seio das diferentes comunidades humanas, tornando-se um elemento natural na vivência. Nas palavras de Bourdieu, “enquanto produto da história, o *habitus* produz práticas, individuais e coletivas, produz história, portanto, em conformidade com os esquemas engendrados pela história” (1994, p. 76).

O *habitus* [...] é história feita natureza, isto é, negada enquanto tal porque realizada numa segunda natureza. Com efeito, o “inconsciente” não é mais que o esquecimento da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela produz nessas quase naturezas que são os *habitus* (Bourdieu, 1994, p. 65).

No entanto, a homogeneidade natural do *habitus* é relativa, no sentido de que não é válida para toda a sociedade, mas para os grupos e classes considerados em si. No interior dos grupos e classes, a regularidade e objetividade das ações decorrem da harmonização, evidente e necessária, das condições objetivas idênticas, de efeito universalizante. Portanto, o *habitus*, embora de caráter genérico, particulariza os grupos e classes, diferenciando-os entre si. Entre os agentes de um mesmo grupo, o *habitus* é *lexinsita*, em razão da concordância de um código comum, depositada na experiência primeira e que se exprime no *modus operandi* da dinâmica da realidade social como produto de determinado grupo que concorda e mobiliza as condições de existência de um sentido objetivo, ultrapassando intenções conscientes.

De caráter duplo, o *habitus* é constituído basicamente de dois elementos: *ethos* (estruturas mentais e morais) e *hexis* (aspectos corporais e fisiológicos), dominando as estruturas objetivas que perpassam as relações, as condições e as posições dos agentes sociais na produção de ações individuais e coletivas. O *habitus* é necessariamente harmônico – o que pode haver é uma desarmonia entre os agentes no sentido de praticar ou não o mesmo *habitus*.

Pelo exposto na teoria de Bourdieu, deduz-se que o *habitus* é produto do trabalho de inculcação e de apropriação. Produtos da história coletiva, as estruturas coletivas, reproduzindo as disposições duráveis nos indivíduos (quando condicionados às mesmas condições materiais de existência),

produzem o *habitus* e permanecem depois de estruturadas, mas também se tornam estruturantes, num processo de interioridade da exterioridade e de exterioridade da interioridade.

O *habitus* é o produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva, que são as estruturas objetivas (por exemplo, da língua, da economia, etc.), consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos (que podemos, se quisermos, chamar indivíduos) duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos, colocados, portanto, nas mesmas condições materiais de existência (Bourdieu, 1994, p. 74-75).

Embora seja o produto da interiorização das mesmas estruturas objetivas fundamentais (dentro de cada grupo ou classe), baseando-se no princípio da homologia e da inculcação, o *habitus* apresenta diversidade “subjéctiva” na sua homogeneidade, em razão da lógica de diferenciação inerente entre os indivíduos, produzindo-se práticas muitas vezes opostas na aparência, porém internas de um tipo de grupo ou classe social. Isso significa que a formação do *habitus* acontece de modo muito mais natural e espontâneo do que se possa imaginar, ou seja, no próprio processo da vivência dos agentes do grupo ou da classe social em que estão inseridos.

Subjacente à complexa sistematização teórica que Bourdieu elabora do conceito de *habitus*, tornando este um termo cardeal e básico em sua análise da sociedade, encontra-se o sentido primeiro da palavra “hábito”, do senso comum, que, nem por ser meramente denotativo e usual, é renegado – mesmo porque não é essa a intenção do pensador francês ao renovar a sociologia com base em princípios mais científicos e amplos, a fim de explicar melhor o mundo social em todos os aspectos possíveis.

O Que é Prática em Bourdieu?

“Prática” (palavra derivada de “praticar”), substantivo feminino abstrato, significa denotativamente (Dicionário Aurélio):

Ato ou efeito de praticar. 2. Uso, experiência, exercício. 3. Rotina; hábito. 4. Saber provindo da experiência; técnica. 5. Aplicação da teoria.

Ampliando o sentido do dicionário, tem-se, na linguagem rotineira, que prática ou práticas são atividades, atos, ações, ocupações, diligências, tarefas, atuações, obras, feitos, manifestações, atitudes, comportamentos, reações, condicionamentos, enfim, são realizações humanas ocorridas na vivência e na experiência, em todas as instâncias e segmentos da sociedade (família, escola, religião, trabalho, instituições, política, meios de produção da infraestrutura, comércio, lazer, arte, etc.).

Para Bourdieu (como para outros estudiosos da sociologia tradicional), a sociedade é dividida em classes. E dentro destas, o sociólogo francês destaca a importância dos grupos, sendo que cada grupo possui as suas práticas típicas, definidas, características, singulares, diferenciadas, que homogeneizam o grupo, distinguindo-o dos demais – as práticas são presididas pela lógica da distinção.

Em linguagem comum, as práticas sociais podem ser expressas por meio de substantivos concretos e abstratos e de verbos, indicando obras, produtos, ações, atividades, experiências, realizações, atos, rituais, festividades, comportamentos, atitudes, feitos, façanhas, reuniões, trabalhos, ofícios, lazeres, construções, comunicações, diálogos, discursos, rezas, orações, danças, comércios, políticas, negócios, roubos, crimes, viagens, diplomacias, educação, jornalismo, ciências, operações, cerimônias, condutas, religiões, execuções, artes, tecnologias, arquiteturas, linguagens, guerras, julgamentos, etc. Dessa lista aparentemente caótica, pode-se constatar que há gêneros e espécies, ou seja, noções mais abrangentes e abstratas de que outras são exemplos. E, denotativamente, pelo senso comum, todos esses termos (e centenas de outros) designam tipos de práticas antropológico-sociais realizadas pelas pessoas na vida em sociedade, em um complexo jogo de interesses e de poderes (lícitos ou ilícitos, morais ou imorais, éticos ou não-éticos) entre indivíduos, grupos e classes.

Embora tenha elaborado o “Esboço de uma teoria da prática” (e teorias impliquem necessariamente definições), Bourdieu não apresenta uma definição direta e expressa para o conceito de prática. Portanto, a noção de prática é

constituída e apreendida, em Bourdieu, por meio da longa e complexa exposição que ele faz de *habitus*. Segundo Bourdieu é o *habitus* que produz a prática (as práticas).

O *habitus* produz práticas, que, na medida em que tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como tendo-as desencadeado diretamente, nem das condições objetivas que produziram o princípio durável de sua produção (Bourdieu, 1994, p. 65).

Na teoria bourdieusiana, por processo epistemológico de desdobramento e dedução, chega-se a compreender a prática ou as práticas pela digressão crítico-reflexiva sobre o objetivismo e a fenomenologia, destacando-se os aspectos da experiência humana no sistema de relações objetivas. As práticas englobam tanto a *hexis* corporal quanto o *ethos*, abrangendo todos os espaços e ocorrências antropológico-culturais e discursivos, gestuais, de estilo de vida, de pensamento e mesmo o modo de falar – a distinguir grupos e classes:

Não é por acaso que a distinção burguesa acaba investindo em sua relação com a linguagem a mesma intenção que ela mobiliza em sua relação com o corpo. O sentido da aceitabilidade que orienta as práticas lingüísticas está inscrito no registro mais profundo das disposições corporais: é o corpo inteiro que responde à tensão do mercado por sua postura, mas também por suas reações internas [...], o esquema corporal característico de uma classe determina o sistema dos traços fonológicos que caracterizam uma pronúncia de classe: a posição articulatória mais freqüente é um elemento de um *estilo global dos usos da boca* (no falar, mas também nas práticas de comer, beber, rir etc.), portanto de toda a *hexis* corporal, implicando uma informação sistemática de todo o aspecto fonológico do discurso (Bourdieu, 1996, p. 74).

Do trecho acima, há que se evidenciar as noções de “estilo global”, “estilo de vida” e “informação sistemática”, para se chegar mais facilmente a uma definição de prática. Engendradas pelo *habitus* (e engendrando-o), as práticas representam estilos gerais de vida, de atitudes, de posturas, de

condicionamentos, dentro de informações sistemáticas válidas e reconhecidas, aceitas ou rejeitadas pelos indivíduos, grupos e classes. Nesse arcabouço de ideias que definiriam as práticas, a linguagem é de suma importância, como reconhece Bourdieu:

Inúmeros “debates de idéias” tornam-se menos irrealistas do que parecem quando se sabe o grau com que se pode modificar a realidade social ao modificar a representação dos agentes a esse respeito. Pode-se constatar o quanto se modifica a realidade social de uma prática como o alcoolismo (podendo-se estender tal raciocínio ao aborto, ao consumo de drogas ou à eutanásia), conforme ela seja percebida e pensada, como tara hereditária, decadência moral, tradição cultural, ou então, como uma conduta compensatória. [...]. A exemplo do que se passa com as relações hierárquicas organizadas segundo o modelo das relações encantadas cujo lugar por excelência é o grupo doméstico, todas as outras formas de capital simbólico (prestígio, carisma, sedução), bem como as relações de troca através das quais esse capital se acumula (troca de serviços, de dádivas, de atenções, de cuidados, de afeição) são particularmente vulneráveis à ação destruidora das palavras que desvendam e desencantam (Bourdieu, 1996, p. 118-119).

Subjaz ao conceito de prática, na praxiologia de Bourdieu, a noção de que o termo, já fincado na antropologia e na sociologia, é o corpo constitutivo de todas as ações humanas realizadas no convívio social, por todos os segmentos sociais, em todos os âmbitos e setores da sociedade, nos grupos e nas classes. No entanto, dentro do estilo altamente conotativo de Bourdieu, o termo “prática” ultrapassa os limites significativos da antropologia e da sociologia tradicionais, revestindo-se de significados próprios e caracterizadores, como acontece com todos os conceitos teóricos trabalhados pelo sociólogo.

Afirma Bourdieu:

Para escapar ao *realismo da estrutura*, que hipostasia os sistemas de relações objetivas, convertendo-os em totalidades já constituídas fora da história do indivíduo e da história do grupo, é necessário e suficiente ir do *opus operatum* ao *modus operandi*, da regularidade estatística ou da estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada e construir a teoria da prática ou, mais exatamente, do modo de engendramento das práticas, condição da construção de uma ciência experimental da *dialética da interioridade e da*

exterioridade, isto é, da *interiorização da exterioridade* e da *exteriorização da interioridade*. As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*. (Bourdieu, 1994, p. 60).

Assim, superando uma lacuna do objetivismo, que considera as práticas como um fato social dado – “as práticas são apreendidas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu princípio gerador situando-se no próprio movimento de sua efetivação” (BOURDIEU, 1994, p. 47) –, o pensador francês considera que as práticas são as motivações para agir, bem como o próprio produto das ações e sua reprodução. Somente através das práticas é que se capta o *habitus*, que se delineiam os jogos de interesses e capitais simbólicos e que se definem grupos e classes sociais. Portanto, com a instituição da praxiologia, Bourdieu eleva o *status* da prática ao elemento objetivamente (e mesmo subjetiva e fenomenologicamente) considerado, observável, mensurável e passível de críticas, capaz de configurar todas as categorias analisadas em sua sociologia: *habitus*, grupos e classes sociais, capital (econômico, cultural, social, simbólico), campo científico, violência simbólica, etc. Pelas práticas analisa-se e observa-se o homem, a sociedade, a vida.

A prática linguística

A linguagem é um dos campos mais explorados na teoria de Bourdieu, em relação às classes sociais. Tomando a distinção elaborada por Bertil Bernstein entre “código elaborado” e “código restrito”, para caracterizar a linguagem das classes dominantes e das classes dominadas, respectivamente, com a fetichização da língua considerada legítima das primeiras – e também aquela valorizada na escola (dentro da noção de capital cultural) –, Bourdieu constrói toda uma teoria sobre a economia das trocas linguísticas, erguendo o conceito de capital linguístico, que funciona dentro do mercado linguístico, com trocas desiguais (como em qualquer mercado), favorecendo os agentes possuidores de maior capital, deixando em desvantagem os carentes do capital exigido em mercados específicos, como, por exemplo, o da escola, no qual as

crianças das elites, por trazerem uma linguagem mais elaborada (considerada correta) auferem maiores lucros perante o sistema escolar, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Como apresenta Magda Soares⁵, tratando da linguagem e da escola numa perspectiva social, e de acordo com as teorias de Bourdieu, Bernstein realizou estudos linguísticos nas diversas classes sociais, abrangendo aspectos léxicos, morfossintáticos e semânticos, diferenciando a linguagem utilizada pelas crianças das elites e das classes populares, demonstrando a suposta riqueza das primeiras em oposição à limitação expressiva das segundas. A razão dessa diferença encontra-se no próprio processo de socialização das crianças, cujos pais e comunidades circunvizinhas não dispõem dos meios de letramento com que contam as classes altas e médias, em termos de experiências com a linguagem escrita e com todo o capital simbólico (econômico, cultural e social) disponível na sociedade.

O aspecto diferenciador que divide as crianças das distintas classes sociais, e que tem reflexos diretos na sua vida escolar, facilitando ou dificultando sua aprendizagem, rendimento e sucesso, tem raízes diretas na sua socialização, que por sua vez é resultante das suas condições socioeconômicas concretas (estruturas estruturadas e estruturantes, formadoras de *habitus*).

Para Bourdieu, a distinção entre esses dois modos básicos de valorizar e de se relacionar com o saber, a cultura e a linguagem produz uma violência simbólica, representada na imposição dissimulada de um arbitrário cultural e linguístico como valor universal. Assim, por um ato de violência simbólica, a cultura e a linguagem das classes sociais dominantes passam a ser as únicas reconhecidas pela escola, que transforma, arbitrariamente, os bens simbólicos das elites na cultura legítima e universal, que deve ser reproduzida e adotada em todos os contextos sociais.

Para lidar com as diferenças culturais e dos saberes simbólicos que há entre os alunos, devido às diferenças socioeconômicas, a escola produz todo um discurso calcado em explicações ideológicas capazes de responder aos anseios e insatisfações das classes populares, e, ao mesmo tempo, a sua

⁵ Professora na área de Letras e Linguística da UFMG, Brasil.

estrutura e matrizes pedagógico-curriculares. Um dos argumentos mais fortes da escola é a “ideologia do dom”, que, explicando como naturais as distinções de saberes e níveis culturais, tenta apaziguar os possíveis conflitos que surgem em sua prática cotidiana, alegando não poder se eximir de repassar o conhecimento universal a todos os alunos. Dentro desse princípio, surgiu a “educação compensatória”, com o objetivo de nivelar o conhecimento, buscando uma igualdade na prática educativa, sob o argumento de que todos deveriam possuir um mesmo padrão de capital cultural – que está “naturalizado” (subsidiado economicamente) nas elites.

Segundo Bourdieu,

A aceitabilidade social não se reduz apenas à gramaticalidade. Os locutores desprovidos de competência legítima se encontram de fato excluídos dos universos sociais onde ela é exigida, ou então, se vêem condenados ao silêncio. Por conseguinte, o que é raro não é a capacidade de falar, inscrita no patrimônio biológico, *universal e, portanto, essencialmente não distintiva*⁶, mas sim a competência necessária para falar a língua legítima, que, por depender do patrimônio social, retraduz distinções sociais na lógica propriamente simbólica dos desvios diferenciais ou, numa palavra, da distinção (1996, p. 42).

Os mercados oficiais são ajustados às normas da língua legítima, na qual sobressaem os dominantes, os detentores da competência legítima, que possuem o poder de falar com autoridade. Assim, os discursos, segundo Bourdieu, são *eufemizados* (burilados, cuidados, elaborados, polidos), “inspirados pela preocupação de ‘dizer bem’, de ‘falar direito’, de produzir produtos ajustados às exigências de um determinado mercado” (1996, p. 66), o que representa *formações de compromisso* e a *censura*, num ato de reconhecimento que legitima a autoridade e o poder de certos grupos e classes sociais.

Tratando ainda da prática linguística, Bourdieu reconhece, no jogo de poder entre os campos sociais, a utilização da linguagem na produção de discursos gramaticalmente corretos, porém destituídos de sentido verdadeiro para os grupos sociais de que são alvo, ou seja, discursos falaciosos, enganadores, ideológicos, que, muitas vezes, têm o mero objetivo de inculcar

⁶ Nesse trecho, Bourdieu refere-se a Pierre Encrevé.

valores e signos no processo de preponderância de um grupo social sobre outro, dentro do mosaico de jogo simbólico que é a sociedade.

Não há nada que não se possa dizer, e pode-se dizer o nada. Pode-se enunciar tudo na língua, isto é, nos limites da gramaticalidade. Sabe-se, desde Frege, que as palavras podem ter sentido sem remeter a coisa alguma, ou seja, o rigor formal pode mascarar a *decolagem semântica*. Todas as teologias religiosas e todas as teodicéias políticas tiraram partido do fato de que as capacidades geradoras da língua podem exceder os limites da intuição ou da verificação empírica, para produzir discursos *formalmente* corretos, mas *semanticamente* vazios (BOURDIEU, 1996, p. 28).

Conclusão

Um dos mais proeminentes intelectuais modernos, na área das ciências humanas, especificamente na sociologia, Pierre Bourdieu deu um grande impulso inovador nos estudos sociológicos, porém é considerado um autor de leitura difícil, hermética e até incompreensível. Isso não devido somente ao caráter polêmico de sua produção, mas principalmente pelo seu estilo de escrita e pela sistematização científica que pretendeu conferir às suas exposições.

De formação filosófica, ele carregou para a sociologia alguns termos (retrabalhados), dando-lhes uma carga conotativa específica, adequada às teorias sociológicas, no seu intento de romper com as tradições incrustadas nos modos de conhecimento aplicados ao mundo social (o objetivismo e a fenomenologia), superando-as, com vistas a inaugurar um método dialético de abordagem dos fatos sociais, que ele denominou de praxiologia. Bourdieu compreendeu a praxiologia como uma terceira opção para a análise sociológica, capaz de trazer autonomia científica e universalização das reflexões que pudessem ser feitas sobre diferentes sociedades, pois a vida real e as condições objetivas de existência são, em qualquer parte do mundo, concretizadas por meio de ações e atividades humanas – ou seja, de práticas exercidas pelos agentes nas diferentes situações e relações da existência material.

Embora não defina diretamente (por meio de um verbo copulativo – “é” – , como é de praxe científica desde Aristóteles para a criação de juízos), o

conceito de prática (ou práticas), essa noção é facilmente apreendida a partir da exposição conceitual sobre o *habitus*, que engendra as práticas. Com a construção da teoria da prática, Bourdieu buscou erguer uma ciência experimental, fundada numa relação dialética entre o interior (interioridade) e o exterior (exterioridade), mostrando que as práticas não podem ser vistas como produtos acabados, mas como um processo relacional em constante mutação (mesmo considerando-se as suas regularidades), tendo em vista a história dos indivíduos, dos grupos e das classes sociais. Em outras palavras, isso significa, para ele, ir do produto ao processo, princípio de produção e reprodução, ou seja, do *opus operatum* ao *modus operandi* – tal é o sustento epistemológico da teoria da prática e dos seus modos de engendramento.

As práticas sociais, exteriorizadas em linguagem verbal (oral e escrita), mas também expressas por outros tipos de linguagem, como gestos, olhares, atitudes, estilos de vida, objetos usados no cotidiano, vestimentas, etc., reproduzem o universo cultural dos indivíduos, grupos e classes sociais, expressando ideologias, sensações, preconceitos, representando instituições e lugares sociais dos agentes, que se reconhecem mutuamente por um código comum no jogo de interesses e dos tipos de capital (econômico, cultural, social e simbólico). Com a instituição da praxiologia, Bourdieu coloca as práticas como centro dos seus estudos sociológicos, dando-lhes uma essencialidade teórica através do conceito de *habitus*.

Referências

BONNEWITZ, Patrice. O *homo sociologicus* bourdieusiano: um agente social. In: *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 75 a 92.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *A sociologia de Pierre Bourdieu*, São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. Paradoxo do sociólogo. *Questões de sociologia*. Tradução JeniVaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 68 a 88.

_____. *A economia das trocas lingüísticas*. Tradução Sérgio Miceliet alii. São Paulo: Edusp, 1996.

CANEZIN, Maria Tereza. O conceito de *habitus* na teoria da prática: fundamentos do diálogo de Bourdieu com o pensamento durkheimiano. In: *Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e educação*. Goiânia, editora UCG, 2001, p. 111 a 131.

home.utad.pt/~tcaria/actividades_interesses/BordieuBrasil.pdf. Acesso em 15.03.2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARTINS, Carlos Benedito. Notas sobre a noção de prática em Pierre Bourdieu. *Novos estudos*. São Paulo, n. 62, p. 163 a 181, março/2002.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1986.

TERNES, JOSÉ. Bachelard e o pensamento moderno. Goiânia, artigo datilografado, s/d.

WACQUANT, Loïq J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. Artigo publicado na *Revista Sociológica e Política*, Curitiba, n. 19, p. 95-110, nov. 2002.